

Quando cantei o nosso amor ardente
naqueles versos que compus sonhando
senti prazeres da paixão fervente
e nos enganamos mergulhei, cantando

segui teu vulto na ilusão da mente
como cativo que obedece ao mando
cantei as mágoas e sofri silente,
em outros versos que escrevi, chorando.

Hoje o destino destruindo encantos,
já não admite nem amor, nem prantos,
do meu passado que julguei tão lindo!

Se queres prova da cruel verdade,
neste poema não citei saudade,
porque agora te escrevi, sorrindo.

Hildemar de Araújo Costa, Transformação; em
O Grilo 0104

Retiraram a bola da menina
num trecho de uma rua ou num quintal,
subtraindo-lhe portanto uma fatia
da sua irretornável meninice.

A menina ficou num rude longe,
assistindo o rolar de bolas outras
pelas mãos, pelos pés, pelos vestidos
de outras meninas nimamente desiguais.

Se eu pudesse cortar, menina, o tempo,
se eu pudesse voltar quintal ou rua,
se eu pudesse esvaziar teu rude longe,

resgataria a tua meninice.
E aquela bola, aquela mesma bola
com mãos de outrora eu te devolveria.

Olney Borges Pinto de Souza, A Bola; em
Revista Literaria 19, 0012 – niltomaci@yawl.com.br

Cansei de você pedir pra voltar,
de ouvir aclamar este meu amor,
de ouvir você por perdão implorar,
como sendo único a sentir dor.

Cansei de ver você me vigiando,
de ver você até andando atrás de mim,
de ver com o outro, meu arlequim,
como um duplo, o nosso amor fatiando.

Cansei de sentir você nos destruindo,
de lhe sentir ser seu próprio cupim,
de sentir você sempre vindo ou indo.

De ouvir você pedir o meu vestido,
de ver você a se pintar em carmim,
de viver com você, indefinido.

Angela Togeiro, Indefinido; de
Contato Urbano, 2ª Edição, 2001

Da miséria, que traz fome,
da fome, que traz o horror,
do horror, que tudo consome,
livrai os povos, Senhor!

Eno Theodoro Wanke (1929-2001), em
Estro 0176

Conquistar novos espaços...
eis a semente da guerra.
Tantas vidas em pedaços
por um pedaço de terra!

Renata Paccola, em
Fanal 0108

Que o Congresso Nacional
não se transforme, de novo,
na necrópole central
das esperanças de um povo!

Aloisio Bezerra, em
Jornal Leco 0108

Quem é sábio não alia
a erudição à vaidade...
A exata sabedoria
contém Ciência e Humildade!

Marina Bruna, em
XXIII JF de Pouso Alegre 0010

Criança desprotegida...
Feita de náos e de nadas,
é só rascunho da vida
rabiscado nas calçadas.

Almerinda F. Liporage, em
BI UBT Magé 0106

Com a névoa como manto
a fada da madrugada
aumenta a graça e o encanto
daquela rosa orvalhada!

Glorinha M. Sandoval, em
BI UBT São Paulo 0108

Es la noche desamparo
de las sierras hasta el mar.
Pero yo, la que te mece,
¡yo no tengo soledad!

Es el cielo desamparo
si la luna cae al mar.
Pero yo, la que te estrecha,
¡yo no tengo soledad!

Es el mundo desamparo
y la carne triste va.
Pero yo, la que te oprime,
¡yo no tengo soledad!

♥ Yo No Tengo Soledad

Quando yo te estoy cantando,
en la Tierra acaba el mal:
todo es dulce por tus sienas:
la barranca, el espinar.

Quando yo te estoy cantando,
se me borra la crueldad:
suaves son, como tus párpados,
¡la leona y el chacal!

♥ Suavidades

♥ Gabriela Mistral (Lucila Godoy Alcayaga 1889-1957), de Desolación;
Editorial Espasa-Calpe, Madrid, 6ª edición, 1983

Me encontré este niño
cuando al campo iba:
dormido lo he hallado
en unas espigas...
O tal vez ha sido
cruzando la viña:
buscando los pámpanos
topé su mejilla...

Y por eso temo,
al quedar dormida,
se evapora como
la helada en las viñas...

♥ Hallazgo

*Como la brisa que la sangre oreo
sobre el oscuro campo de batalla,
cargada de perfumes y armonías
en el silencio de la noche vaga.*

*Simbolo del dolor y la ternura,
del bardo inglés en el horrible drama,
la dulce Ofelia, la razón perdida,
cogiendo flores y cantando passa.*

*Por una mirada, un mundo;
por una sonrisa, un cielo;
por un beso... ¡yo no sé
qué te diera por un beso!*

♥ Gustavo Adolfo Bécquer (1836-1870), de *Rimas y Leyendas*;
Plaza y Janés Editores, Bilbao, 2ª edición 1985

*Hoy la tierra y los cielos me sonrien,
hoy llega al fondo de mi alma el sol,
hoy la he visto...
la he visto y me ha mirado...
¡hoy creo en Dios!*

Sabe, si alguna vez tus labios rojos
quema invisible atmósfera abrasada,
que el alma
que hablar puede con los ojos
también puede besar con la mirada.

¿Qué es poesía?, dices mientras clavas
en mi pupila tu pupila azul;
¿Qué es poesía!

¿Y tú me lo preguntas?
Poesía... eres tú. (SF 9802)

¿Cómo vive esa rosa que has prendido
junto a tu corazón?
Nunca hasta ahora
contemplé en el mundo
junto al volcán la flor.

Pássaro preso
nota de sol na garganta
da manhã engaiolada.

Guta Marques Porto: de
No Ombro da Noite, 1992

A flor, sempre flor
não indaga o nome
do pintassilgo.

Magda Regina Lugon: de
Os Limites do Reino, 1993

Pétala vermelha
pende. Sensível se rende,
ao toque da abelha.

Cyrol Armando Catta Preta,
Repentino; de
Palhas do Tempo, 1993

Meus anseios, pensamentos,
apressados, fugidios,
vão na ciranda dos ventos
colhendo sonhos vadios.

Lia Souza Campos de Siqueira Ferreira, de
Poema da Vida, 1990

A droga muito entusiasmo
um menino inexperiente,
fazendo dele um fantasma,
um malvado e dependente.

Lydia Lauer

Na certa ainda estaríamos
entre árvores a saltar
e aos grunhidos falaríamos,
se não fosse o polegar!...

Manoel Fernandes Menendez

Tudo que é belo foi um dia estranho
tudo que é velho foi um dia novo
tudo que é verso foi um dia sonho.

Aclyse de Mattos, Dedicatória Esfacelada; de
Quem Muito Olha a Lua Fica Louco, 2000

Um filho é a continuação da vida.
Um livro é a vida em palavras.
E as árvores são a própria vida.

Ismênia Fonseca Faraone; de
O Dia-a-dia de Uma Dona de Casa, 1989

Tão cedo murchou
a rosa que te ofereci!
Não a intenção.

Lyad Sebastião Guimarães de Almeida (=001005), de
Novos Haikais;
Edição da Livraria Ideal, 1994

Sei que há um planeta colocado lá.
Sei ainda que deve haver uma estrela
colocada lá, mais longe ainda, onde nem vejo,
e as sombras de suas sombras
não dão a mínima para o meu destino.
Compreendo apenas que minha limitação
de não poder nunca dominá-las
(sequer entendê-las ou tocá-las)
confere a dimensão da minha vida.
Isso sim é o que me assombra
e não os jornais que na manhã folheio
com as manchas de tinta embaraçadas
porque cai uma chuva azul sobre a cidade.

Aclyse de Mattos, Conspiração; de
Quem Muito Olha a Lua Fica Louco, 2000

aclyse@uol.com.br

Não está mais na Terra
Honorato José de Oliveira
– um verdadeiro arquivo vivo!

Vivendo, foi recordando,
recordando, foi vivendo
deixando todos
mais alegres
com a sua recordação!

Agora, tudo é triste
não mais existe
Honorato José de Oliveira!

Mas, lá no Além,
quando o professor Sylvino
e a professora D. Olímpia
fizerem a chamada:
– Cyra: presente!
– Margarida: presente!
– Honorato: presente!
Eles irão ficar contentes,
pois o Honorato,
mesmo com a idade e doente,
foi recordando
foi vivendo
enquanto esteve
vivo!

Honorato e Arminda
iriam completar
47 anos de casamento
dia 16 de novembro.

Ismênia Fonseca Faraone
Rua Rui Barbosa 89
13465-280 – Americana, SP

Recordar, é Viver!; de
O Dia-a-dia de Uma Dona de Casa, 1989

Gracias a la vida
que me ha dado tanto
me dio dos luceros
que cuando los abro
perfecto distingo
lo negro del blanco
y en el alto cielo
su fondo estrellado
y en las multitudes
el hombre que yo amo.

Gracias a la vida
que me ha dado tanto
me ha dado el oído
que en todo su ancho
graba noche y día
grillos y canarios
martillos, turbinas
ladridos, chubascos
y la voz tan tierna
de mi bien amado.

Gracias a la vida
que me ha dado tanto
me ha dado el sonido
y el abecedario
con él las palabras
que pienso y declaro
madre, amigo, hermano
y luz alumbrando
la ruta del alma
del que estoy amando.

Gracias a la vida
que me ha dado tanto
me ha dado la marcha
de mis pies cansados
con ellos anduve
ciudades y charcos
playas y desiertos
montañas y llanos
y la casa tuya
tu calle y tu patio.

Gracias a la vida
que me ha dado tanto
me dio el corazón
que agita su marco
cuando miro el fruto
del cerebro humano
cuando miro al bueno
tan lejos del malo
cuando miro el fondo
de tus ojos claros.

Gracias a la vida
que ha dado tanto
me ha dado la risa
y me ha dado el llanto
así yo distingo
dicha de quebranto
los dos materiales
que forman mi canto
y el canto de ustedes
que es el mismo canto
y el canto de todos
que es mi próprio canto.

Violeta Parra (1917-1967), Gracias a la
Vida; em Ecopedagogia e Ciudadania
Planetaria, 1999 – ipf-sp@paulofreire.org

Seleção:
Mária Iracema Gomes Lacerda Menendez

Fui mais uma vez pescar no Pantanal
as águas quase lentas
pela altura dos joelhos
companheiros;
biguás, tuiuius e garças brancas
com sua elegância filha
das grandes árvores secas
(seus dedos longos ramos intrincados
chamam a deus mais claro que as palavras)
e ele veio

parece que esse deus se chama sol
e a tudo alaga, inunda e predomina
retém as próprias sombras e termina
por deter também o tempo
silêncio
nada se move
uma presença ausente
como o peixe que não vem
nem há mosquitos, nem zumbidos
tudo é contido e se distende
a longa horizontal da linha d'água
o verde capinzal com flores alvas
súbito os patos voam dos caniços
grasando como negra tempestade
voltam as nuvens, sombras, cristas d'água
o tempo recupera sua estrada
nada mais que um encontro de deuses
para que o poema se faça.

Aclyse de Mattos, Fui Mais Uma Vez Pescar no Pantanal; de
Quem Muito Olha a Lua Fica Louco, 2000

Pica pica
reta dura
maleita miséria fartura.

Aclyse de Mattos, Serra Pelada; de
Quem Muito Olha a Lua Fica Louco, 2000

aclyse@uol.com.br



LIBRA: SIGNO DO AR

Libra é o sétimo signo do zodiaco
(23 de setembro a 22 de outubro);
é regido por Vénus e o seu elemento é o ar.
O signo complementar de Libra é Áries;
seu oposto é Câncer.
As principais características de Libra são:
racionalidade, diplomacia e equilíbrio

Help! Multi Mídia Estádio HMI 018

Libra 24.09 a 23.10

Personagem típico:

Madame Bovary (1857),
da novela clássica de
Gustave Flaubert (1821-1880).

The Brazilian Living Webster
Encyclopedic Dictionary
of the English Language 1973

TEMAS DA SAZÃO

(QUIDAI)S PRIMAVERA

Um gato em amor faz barulho no telhado. E os cachorros latem... Agostinho José de Souza	Héron Patrício no Dia da Secretária uma abelha zumbete.	O gatinho persa dispersa a dor e a conversa o dono é carinho. Nilton Manoel Teixeira
Céu azul e chuva fina. É chuva de primavera. Final de setembro. Albertina C. G. dos Santos	É de madrugada. Na janela do meu quarto, sabia gozeia... Humberto Del Maestro	As margens do rio a grandeza da floresta. Dia da Amazônia. Olga Amorim
O velho cenário patrimonial derrubado nosso ipê riqueza. Ailson Cardoso de Oliveira	Namorando o sol como estrela do meu sonho a pipa flutua. João Elias dos Santos	Com ternos miados, andando pelo telhado. Gato em amor. Olga dos Santos Bussade
Magnólia branca, nos cabelos da menina: namorado à vista! Cecília do Amaral Cardoso	Semana da Pátria. Sem que os rostos se iluminem, soam as cornetas. Livia Lacerda Menendez	No meio da mata, sibipiruna imponente de braços abertos. Regina Célia de Andrade
Trinado estridente da araponga na gaiola – saio do marasmio. Edel Costa	Porta escancarada à evasão da araponga. Seu canto cansou... Leonilda H. Justus	Dia da Juventude. Para a festa de hoje à noite, tinjo o meu cabelo! Sandra Parana
Alvor contraeça encanta em lindo <i>ikebana</i> cheirosa açucena. Fernando L. A. Soares	Branças à direita... – corredor de buganvília – vermelhas à esquerda... Luis Koshiro Tokutake	De braços abertos, magníficas araucárias acolhem osinhos... Santos Teodósto
flor de goiabeira... lindo! Promessa de frutas. Fernando Vasconcelos	Surge no quintal na panela ao fogo. M. U. Moncam	A tarde desliza na rede armada à sombra. Ao sabor da brisa. Sérgio Serra
Círculo do verde... os espíritos da mata. Dia da Amazônia. Hazel de São Francisco	Sem nenhum pudor, gataria em gritaria, no teto do amor. Marcelino R. de Pontes	Manhã de domingo... Embalando meu sono, cantam os curiosos. Sergio de Jesus Luizato
Ao cair da noite o canto da araponga me traz recordações. Hélvico Durso	O salgueiro lança suas traças de tristeza num lago de lágrimas. Mariem Tokumu	Põe olhos no espaço o canário na gaiola. Sonho de voar. Thereza Costa Val
Caferal em flor, futuros frutos vermelhos... Vibra o agricultor! Hermoclydes S. Franco	companheiro de jardim. Sabia amigo! Nadyr Leme Ganzert	Sálvia vemulha atração do beija-flor néctar embriagante. Yedda Ramos Maia Patrício



SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.10.01, quigos à escolha:

Chuva criadeira, Dia da Ave, Folha nova.

Remeter até 30.11.01, quigos à escolha:

Dia do Agrônomo, Mexilhão, Primula.

Fazer um haicu é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o quigo – palavra da sação – (focalizamos), sentimos o satori ou “consciência de si”, com a mente vazia, isto é, sem preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos esse registro limpo de uma sensação ou percepção (revelamos), compondo assim um haicu por conter o quidai, tema da estação, através de *assunto principal*, o quigo. O haicu deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do quigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haicu conterá ainda, sutis sugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor. Sobre os trabalhos remetidos, quando necessário, orientaremos visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção do haicu. Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

- 1 - Preencher até três haicus (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
- 2 - Posteriormente o haicista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devidos correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
- 3 - Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicu de própria larva, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
- 4 - O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

CLASSIFICANDO OS TERCETOS INDEPENDENTES

Manoel Fernandes Menendez

Podemos chamar de **trevo** todos os *tercetos independentes*: ! ! ! ! ! !

O trevo guilhermano rima versos de 5 sílabas e, o do meio, de 7 sílabas, a 2ª com a 7ª.

O trevo *senriu* à ocidental é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental.

Os trevos *senriu*, *haicu* de sação *vaga* e, simplesmente, *haicu* (único a conter quigo), são sempre “*aqui e agora*” – **não conceituais, sendo:**

trevo *senriu* ou *personagem*, *não filosófico*, expressa os sentimentos e introspecções do povo no seu dia a dia;

trevo haicu de sação *indeterminada* (*aborda a natureza sem situar a estação*);

trevo haicu, poesia pura – (*o quigo, situa a estação em que o poeta está*).

O trevo haicu é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo e o simbolizamos pelo ipê.

Sentado em frente à máquina de escrever, sinto-me grávido como uma mulher de nove meses. As dores do parto latejam em meus dedos. Nunca foi tanta a vontade de me expor, de jogar para fora cada sentimento que pipoca dentro de mim.

Não existe meio parto. Começo a escrever e sinto que cada parágrafo é como um tapa na bunda de meu verbo, obrigando-o a respirar, nascer e viver fora de meu ventre. Sei que o alento que invade seus pulmões é de pura dor. Mas afinal o que é a dor para quem nasce dela? E o que é nascer senão a oportunidade de conhecer a própria mãe?

Não posso falar do que desconheço, por isso conto o que sei, o que vivi e o que sinto. Minha história é a história de um homem que resolveu não mais mentir a si mesmo. É a minha própria história.

Tudo começa com a descoberta do treinador secreto: o medo. Um severo mordomo que me impedia de conhecer todos os quartos de minha própria casa; de livrar-me das grades que eu mesmo havia construído em meu redor. Uma vez consciente, olhei para os lados e me vi cercado por muitas delas, cada qual plantada e cultivada pela minha própria covardia: atitudes parasitas que eu mesmo semeiei, quando por inércia, aceitei um modelo de comportamento que me foi imposto; atitudes que reguei com lágrimas no rosto, quando não me encaixava em algum aspecto desse padrão.

A covardia foi minha ruína e provação. Sem querer lutar, acabei me alistando no exército do “Ter-Que-Ser”. Eis o código de honra da instituição: ter que ser bom, ter que ser o melhor, ter que ser perfeito, ter que ser semideus, isso, aquilo. Em suma, nesse exército tinha que ser qualquer coisa, menos o que se é.

“Você não está feliz!? Mas como, você tem que ser feliz!” (Ora, quando se passa o

tempo todo tendo que ser feliz, a vida realmente se torna um inferno.)

Meu mundo caiu. O que antes me parecia um paraíso, começou a mostrar sua verdadeira face. Desesperado, fiz a única coisa que me era possível naquele momento: chorei até sentir pena de mim. Mas, entre um soluço e outro, perguntei-me: “Quem sou eu? Para onde vou? De quem estou fugindo?”. Senti que se resolvesse tais questões, poderia sair da minha própria armadilha.

Lembrei-me então de que era um imortal, e por isso não precisava andar armado. Olhei-me no espelho e vi que minhas armas estavam coladas em meu corpo, em minha psique. Eram as armas da minha personalidade: artifícios que usava para enfrentar as pessoas e as situações: ao primeiro sinal de incômodo sacava de um clichê. Mas, sem saber, abatia o meu próprio ser.

A face que eu mostrava ao mundo era uma máscara. Eu já estava cansado de levar a vida a sério; ou melhor, já estava cansado de levar o drama da vida a sério. Larguei então a máscara e dei um fim ao bang-bang.

Pensei bem e constatei que não havia inimigos. Mesmo aqueles que pareciam meus inimigos, na verdade, eram meus amigos: ajudavam-me a ver coisas que não queria ver por mim mesmo.

Sem perceber, percebi! Abri os olhos, e aquelas coisas de sempre já não eram mais as mesmas. Descobri que nunca tinha sido, pois era apenas “eu” quem as limitava (em eus).

Fui aranha voadora e me desgrudei da teia. Escapei de mim mesmo e então pude ver o bordado que a tudo permeia; a conexão invisível entre os atos e os átomos; o elo entre eu, tu, ele, nós, vós e eles. Conjugué o verbo ser no presente-mais-que-perfeito e o resultado e o resultado foi: eu somos.

Refleti: ...se todos os rios são feitos do mesmo oceano; e, se inevitavelmente todos voltarão para ele, por que um rio precisa se

Trevo *senriu* à ocidental ou trevo ocidental:

Democracia é um espeto!
Pra mim é preto no branco
pra ele, é branco no preto.

Millôr Fernandes

Esnobar
é exigir café fervendo
e deixar esfriar.

Millôr Fernandes

Trevo *senriu* ou trevo *personagem*:

Lá está o magistrado
com seu ar
de injustiçado.

Millôr Fernandes

Fiquei bom da vista!
Depressa,
um oculista!

Millôr Fernandes

Trevo haicu de sação *vaga* ou trevo haicu *subentendido*:

Inditosa
ao vento
a árvore nervosa.

Millôr Fernandes

Pavão doente
morre no céu
o sol poente.

Millôr Fernandes

Trevo *haicu*:

Quigos de primavera da fauna:

Nem grilo, gritou, ou galope;
no silêncio imenso
uma rã mergulha – Plóóp!

Millôr Fernandes

No lusco-fusco, a passarada
faz o ensaio geral
para a alvorada.

Millôr Fernandes

U M P A R T O

defender do outro? Foi neste momento que um raio desceu dos céus fendendo-me a cabeça como um machado. Resultado: descobri que não *tinha* que ser coisa alguma, pois só poderia ser o que sou. Percebi que o código do tem-que-ser, ao invés de expressar, escondia o verdadeiro ser. Acreditando na ilusão de ter que ser (algo, alguém, assim), eu não era o ser, tampouco o “ter-que-ser”, ficava simplesmente num *quase*. E como diz um amigo: quem tem um “quase”, quase que tem um!

Descobrir-me limitado por mim mesmo revoltou-me o sangue tal como a maré em lua cheia. Desde então uma febre sem fim percorre-me as veias dia e noite. A tal febre é bizarra, e parece conduzir-me a um terrível mal: ser o que sou. Digo “mal”, porque sempre que impulsionado por essa febre, tento ser o que sou, acabo recebendo críticas como: louco, egoísta, herege, etc...

Estranhas criaturas somos nós. Temos necessidade de ajuda, no entanto se alguém nos traz de bandeja o melhor de si, damos logo um tapa na bandeja. E ainda insatisfeitos, pisamos sobre os frutos alheios, um por um, apenas para certificar-nos de que ninguém mais poderá aproveitá-los. Depois viramos as costas e reclamamos à Divindade. Parece mais fácil amar à Humanidade do que ao próximo.

Todavia a própria febre é o antídoto para o veneno das críticas. As glândulas afetadas pelo calor secretam um misterioso LSD sóbrio, e a tal substância obriga-me a ver tudo como realmente é: ver cada qual como cada qual tão somente é.

Ganho assim uma espécie de terceira visão, e percebo que posso ser autor e coadjuvante de minha própria história. Descubro o verdadeiro livre-arbítrio e constato que não usá-lo já é usá-lo. Descubro mais ainda: na verdade só existem duas

escolhas possíveis: omitir-me (tornando-me vítima das circunstâncias) ou tomar a vida pelas rédeas (sendo o senhor das circunstâncias). Vejo que escrever a história com as próprias mãos é como montar num cavalo selvagem: a batalha é difícil, mas os méritos são proporcionais às dificuldades.

Assim, tento manter-me neste difícil estado de “anormalidade” o máximo possível. Mas cada infima ação do meio parece ter como principal tarefa enfiar-me dentro de um padrão. Quem já tentou parar de mentir sabe: é bastante penoso quebrar um hábito. Entretanto: – quem deseja permanecer em ser pela metade?

A voz do silêncio nunca me faltou, mas o choro rouco do “medo” parecia-me ser o único som audível nos arredores de minha covardia. Trocar o passarinho que estava em minhas mãos pelos dois que voavam no céu nunca me pareceu uma opção admissível. Recusando-me a continuar assim, percebi que a ferida cicatrizou-se por si só, e, como naqueles sonhos maravilhosos, libertei-me e voei, eu e os três passarinhos...

Resgatar foi o verbo de minha viagem. Entrar dentro de mim mesmo, não me fez encontrar algo além de mim e alheio a mim; mas, antes, aspectos pertencentes, coisas que anteriormente já me pertenciam e que só foram mantidos em garantia na casa de penhores do meu inconsciente.

Agora que a provação na escura masmorra acabou (pelo menos essa etapa), percebo que o que antes sentia como sendo uma punhalada nas costas ou raio destruidor do céu, vejo agora como um anjo de glória. O tribunal de minha cons-

ciência declarou-me liberto, livre (não para fazer o que quiser, mas liberto do medo).

Minha vontade agora é sair arrancando grades por aí. Mas como isso é individual, eu escrevo. Faço isso não para registrar meu percurso, mas para dar o que penso ter de melhor; repassar um pouquinho do que eu sinto, afinal estamos todos no mesmo barco e atravessando o mesmo oceano.

Celebro a Vida. Não tenho mais inimigos. Cada pessoa, para mim, é hoje um acontecimento: uma possibilidade de trocar essa energia maravilhosa que é a Vida. Nada além do que é vivo me interessa agora porque é essa pulsação que me dá forças para conseguir (ao menos tentar) ser o que realmente sou.

Há quem dê os mais diversos nomes para isso: brequice, ingenuidade, fantasia, delírio, loucura, etc... Mas não me importo, porque sei o quanto é real. Se pudesse, engrafaria esse sentimento em doses e embebedaria o mundo, mas tudo que posso fazer, como já disse, é escrever e ser um livro aberto.

Enquanto isso vou colecionando amigos e rindo da vida, pois nada me tira da cabeça que ela é uma grande piada! Aliás, finalmente descobri porque o Buda, ao atingir a iluminação, sorriu.

É que ele entendeu a piada.

(Crônica adaptada do texto de Claudinha P. Abráho)

Marcelo Ferrari dos Santos, em Manga com Leite, 1998

marceloferrari@ajato.com.br

HAICUS EM FOLHA



Abelha gulosa pousa em flor de manacá. Um beijo de mel. Elen de Novais Felix	Perfume à distância, um ponto de referência: manacãs em flor. Alba Christina	No banco da praça, velhinhos recordam sonhos ao clário da lua... Maria Madalena Ferreira
Antes de embarcar, comandante escolhe flores... – Dia da Aeroçoça! Maria Madalena Ferreira	junto ao manacá florido, curtindo lembranças. Olíria Alvarenga	no jardim adormecido, reace as flores... Amália Marie G. Bornheim
Entra de repente pela fresta da janela, o clário da lua. Analice Feitoza de Lima	Num caderno aberto a lua escreve um poema com o seu clário... Daryl O. Barros	Ao clário da lua, um casal de namorados. Luzes se encontrando. Renata Paocola
Fácil caminhada... Meu pai e o clário da lua vão no mesmo passo... Ercy M. M. de Faria	O clário da lua no retrato amarelado, brilhantes sorrisos. Anita Thomaz Folmann	Troca de sorrisos no Dia da Aeroçoça. Aplausos a bordo... Daryl O. Barros
Na fila de embarque, para um perfume de rosa... Dia da Aeroçoça. Ercy M. M. de Faria	primeiro clário da lua. Canto o seresteiro. Maria Regina Labruciano	na profundidade do lago, desperta mil brilhos... Amália Marie G. Bornheim
Um clário de lua tinge os varais da favela. Trapos coloridos. Elen de Novais Felix	O clário da lua respandece na janela. Olhares saudáveis. Haroldo R. Castro	Arvoredo mudo, quietude à beira do rio. E o clário da lua. Manoel F. Menendez
Branças e lilases as flores do manacá perfumam lembranças... Ercy M. M. de Faria	Nas ondas do mar clário da lua parece pedaços de prata. Alba Christina	Avião vai, vem, alegria sempre a bordo. Dia da Aeroçoça. Haroldo R. Castro
Curioso canta olhando o clário da lua. Magia pura. Cecy Tupinambá Ulhúia	Natureza deslumbrante: pé de manacá. Dialda Winter Santos	sobre flores alvi-rosas. Pé de manacá. Analice Feitoza de Lima
A velha fazenda... Ancião contempla os campos ao clário da lua. Olíria Alvarenga	O céu comemora o Dia da Aeroçoça com festa nas nuvens. Renata Paocola	O velho jardim ganha um toque de nobreza: – manacá florido! Maria Madalena Ferreira
Um sorriso a bordo! jornais, almoço e café... Dia da Aeroçoça. Elen de Novais Felix	Pracinha enfeitada com flores de manacá. Festa no interior. João Batista Serra	Lá por sobre as nuvens parabéns, flores, cartão. Dia da Aeroçoça. Anita Thomaz Folmann